



<https://congresso.ufabc.edu.br/2022/>

**Mesa 01 (Perspectivas para o ensino superior: integração, fortalecimento e interdisciplinaridade na graduação e na pós-graduação)**

**Relator/a:** Professores João Paulo Gois (UFABC) e Marcelo Caetano (UFABC)

**Data:** 08/11/2022

**Participantes:**

**Joana Angélica Guimarães da Luz** - Professora associada da Universidade Federal do Sul da Bahia, onde ocupa o cargo de Reitora (2018-2022). Foi Vice-Reitora da Universidade Federal do Sul da Bahia (2013-2018). Foi Vice-Presidente da Associação Nacional de Dirigentes de Instituições Federais de Ensino Superior - Andifes (2020-2021). Foi Diretora do Instituto de Ciências Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (2006-2011)

**Robério Rodrigues Silva** - Professor Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Ocupa atualmente a Presidência do FOPROP para o Biênio 2022-2023. É também Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação - PPG da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB desde 2018. Foi diretor do Departamento de Ciências Exatas e Naturais da UESB entre 2014 e 2018.

Fernanda Cardoso e Charles Morphy - mediação

**Link Youtube:** <https://www.youtube.com/watch?v=oPid0qvXcqQ>

**I - Questões geradoras da mesa:**

Como avançar:

- no acompanhamento de egressos (da graduação e da pós graduação)?
- na curricularização da extensão na graduação?
- nas formas de ingresso na pós-graduação (análogas, por exemplo, ao DAI/MAI) e no aumento da atratividade da pós-graduação, considerando o Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG 2021-2030)?
- na redução da evasão e retenção de discentes?
- na interdisciplinaridade?
- na expansão e modo de oferta de cursos (existentes e a serem criados, pensando a infraestrutura necessária)?



g) modelos de oferta em interação com outras IFES (ex. Alfenas) e com outras instituições?

## II - Síntese das contribuições dos participantes:

### Professora Joana Angélica Guimarães da Luz

Profa. Joana iniciou sua fala chamando a atenção para um problema atual de comunicação, mesmo dentro de nossas universidades. Posturas negacionistas são indícios dessa falha de comunicação. Para entender esse distanciamento entre o conhecimento da universidade e a prática fora dos muros universitários, Profa. Joana lembrou que, historicamente, a universidade é para poucos. Ela surgiu a partir da necessidade de atender os imigrantes portugueses da corte que vieram ao Brasil e, desde então, ela serve aos mais ricos e de destaque social. A Lei de Cotas, por exemplo, é muito recente, tem apenas 10 anos.

Profa. Joana apontou que a classe média sempre soube da importância da universidade. Mas a universidade é ainda algo distante para uma grande parcela da população: há um conceito arraigado na população de baixa renda, rural etc de que “a universidade não é para nós”. Dessa forma, é posto um desafio: queremos que a sociedade defenda a universidade, mas a universidade não pertence a ela, e só se defende aquilo que se faz parte. O que fazemos acerca dessas relações sociais que estabelecemos? Como nos relacionamos com o conhecimento que vem de fora da universidade, palpável a uma grande parcela da população?

As políticas de inclusão dos últimos anos contribuíram para uma mudança muito necessária do perfil dos estudantes nas IFES. Parte daquela população periférica, que não sentia que a universidade fosse algo palpável para sua realidade, passou a frequentar mais esse espaço. No entanto, a Profa. Joana levantou a preocupação de que não devemos adotar postura catequizadora, fazendo com que essas pessoas se esqueçam de onde vieram. Qual é a contribuição que essas pessoas trazem para a universidade para romper com essa tradição de que nós sabemos tudo e vamos ensiná-los?

Profa. Joana relata a interessante iniciativa da UFSC para fomentar maior integração entre a universidade e a população local: o Conselho Estratégico Social. Trata-se de uma instância formada por acadêmicos e pessoas da sociedade civil que participam das discussões sobre as ações da universidade. Este conselho discute ações que possam gerar o sentimento de pertencimento da população periférica.

Profa. Joana discute sua visão do ensino interdisciplinar. Ela argumenta que apenas política, filosofia/sociologia e história devem ser os componentes de base na formação interdisciplinar de qualquer profissional, e não conceitos muito específicos que docentes eventualmente julgam ser primordiais, muitas vezes porque são especialistas. São aquelas disciplinas basais que fomentam o pensamento integralizador, que ajudam a conectar conceitos muitas vezes distantes entre si e, portanto, podem fomentar uma formação verdadeiramente interdisciplinar.



Para encerrar, Profa. Joana brevemente mencionou dois pontos que ela acredita serem importantes para consideração das IFES. A primeira diz respeito à importância do estabelecimento de uma cultura de colaboração entre as IFES. As universidades muitas vezes buscam subir em rankings, competindo com outras universidades para estabelecer qual é a melhor. As universidades devem criar redes de colaboração, nas quais podem se fortalecer mutuamente e fomentar um ensino ainda mais atraente aos discentes. Ela cita, como exemplo, o Programa de Mobilidade Virtual em Rede (Promover), que permitiu a discentes cursar disciplinas/componentes nos cursos de graduação das IES participantes (15 no total, a UFABC não participou ainda).

Seu segundo ponto de encerramento versou sobre o ensino híbrido. Como lidar com o novo elemento do ensino híbrido e uso de tecnologias que surgiu durante a pandemia? O ensino presencial é fundamental, mas é preciso pensar em como incorporar com qualidade essas novas ferramentas e modalidades. Ela lembra que 80% das vagas no ensino superior são oferecidas pelas universidades particulares e, em sua maioria, na modalidade EaD. É preciso levar em conta que muitos discentes precisam trabalhar e não têm a oportunidade de aproveitar os espaços da universidade. Como podemos incluir esse público no ensino superior? Como fazer EaD com qualidade para esse público, sem descartar elementos presenciais? A UFSB fez uma parceria exitosa com o estado da Bahia, criando os “colégios universitários”. Nesta ação, os discentes se deslocavam até uma sala de aula em seu município e um professor da UFSB ministrava aula remota a partir da sede. Isso propiciou o acesso a uma população que não tem condições financeiras de estar diariamente no campus.

### **Professor Robério Rodrigues Silva**

Em sua fala inicial, Prof. Robério mencionou o desafio em se criar um Plano de Desenvolvimento Institucional que não se torne um documento de gaveta, ou seja, apenas uma formalidade. Para isso, ele deve ser resultado de uma construção coletiva, que envolva a comunidade geral.

Prof. Robério resgatou a história da expansão das universidades ao interior da Bahia, com o forte intuito de formar professores. Esse objetivo primário levou à dificuldade em se enxergar a conexão entre a graduação e a pós-graduação, que muitas vezes são vistas como rivais em uma competição por recursos. Antes de iniciar seu relato sobre a pós-graduação, o Prof. Robério ressaltou a importância do ensino da ciência desde o início da educação formal, como ferramenta emancipatória do cidadão.

O Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG), elaborado em 2011, teve como meta formar 60 mil mestres e 25 mil doutores até 2020. Esse resultado foi praticamente alcançado, mesmo com o atraso imposto pela pandemia. O novo PNPG deverá contribuir para o crescimento de regiões mais remotas. Para isso, é fundamental que os programas de pós-graduação foquem em questões locais, que ajudem a solucionar problemas da população e economia locais. Os programas de pós-graduação (PPGs) devem estar conectados à busca de soluções para problemas brasileiros. Nesse sentido, será importante



repensar a necessidade da internacionalização de todos os programas. Além disso, os mestrados profissionais são essenciais, mas o modelo de oferecimento pode ser repensado. Há sentido em diferenciar entre formações de pessoas que querem atuar em pesquisa e que querem atuar na indústria? Talvez esses sejam vieses distintos de um mesmo projeto de programa.

Em seguida, o Prof. Robério discorreu sobre a realidade de sucateamento do sistema nacional de pesquisa, em curso desde 2015. Os valores das bolsas de pós-graduação estão congelados desde 2013, acumulando uma perda de 70% de valor real. Houve o sucateamento do parque científico nacional nesse período, que contribuiu diretamente para uma precarização dos PPGs. É urgente que lutemos pela recomposição do investimento em pesquisa, em específico dos valores destinados à CAPES, FINEP, orçamento das IFES e FAPs. Com relação a esta última, o Prof. Robério ressaltou a importância de seu fortalecimento e citou SP, com a FAPESP, como exemplo da importância que a FAP tem no cenário de pesquisa local. Também comentou sobre a relevância de existir políticas de assistência estudantil na pós-graduação, para não expor os discentes à vulnerabilidade maior do que tinham na graduação.

Para contribuir com a captação de recursos, o Prof. Robério mencionou a importância da Lei de Inovação, que permite a captação de recursos pelas IFES para os PPGs. Esses recursos podem ser revertidos para bolsas de pós-graduação no exterior (doutorado sanduíche), bolsas para pós-docs atraídos do exterior etc. Além disso, o coordenador de curso pode utilizar os recursos para a aquisição de material permanente.

Para encerrar, o Prof. Robério enfatizou que uma pós-graduação forte também fortalece a graduação. Ou seja, quando se investe na pós-graduação, a graduação também melhora. Assim, as universidades precisam considerar os PPGs como foco de investimento.

### **III - Questões levantadas no debate com público (presencial e Youtube)**

1. Capital cultural: como se aplica nas áreas de exatas (olimpíadas, competições etc):  
**R.** Capital cultural não depende de área, é a garantia de oportunidades para uma exposição ampla durante o desenvolvimento pessoal (com opções culturais etc).
2. PNPG – existe proposta que busque mitigar a lógica produtivista (quantidade ao invés de qualidade) na PPG?  
**R.** Foco na solução dos problemas da sociedade já será um grande avanço. A medida deve ser na capacidade do egresso para resolver problemas da sociedade.
3. Como rebater ofensivas do capital privado no estabelecimento de um monopólio de oferta de vagas?  
**R.** Através de políticas robustas de estado que deem importância ao ensino público gratuito e de qualidade – apoio para que as pessoas de fato tenham acesso à universidade.
4. Como a graduação pode contribuir para a pós-graduação?



R. Tripé indissociável, mas é dissociável no sentido de que não se conversam. Criação de grupos de pesquisa dedicados a ensino, pesquisa e extensão, para trabalharem colaborativamente.

#### **IV - Como o debate da mesa pode contribuir para o novo PDI da UFABC?**

- Como fomentar o sentimento de pertencimento da comunidade local na UFABC? Pensar em ações estratégicas de aproximação da universidade com a comunidade (e.g., considerar a criação de um Conselho Estratégico Social, similar à iniciativa da UFSB);
- Estabelecimento de uma cultura de colaboração entre as IFES (considerar a participação no Programa de Mobilidade Virtual em Rede; Consolidar e expandir o intercâmbio estudantil, com iniciativas como a Resolução de matrículas em cursos de formação específica de diplomados de cursos interdisciplinares, atualmente em discussão na Comissão de Graduação);
- Ensino híbrido: como incorporar com qualidade as novas ferramentas e modalidades que se fizeram necessárias durante a pandemia?
- Estabelecer políticas e estratégias de aproximação entre pós-graduação e graduação.
- Buscar novas formas de captação de recursos para o financiamento de bolsas de pós-graduação, para o custeio dos PPGs e aquisição de equipamentos.
- Fomentar os PPGs a focar também em questões locais, buscando solucionar problemas da população e da economia regional. Concomitantemente, repensar a internacionalização.
- Desenvolver políticas de assistência estudantil para a pós-graduação.

#### **V - Identifique temas/palavras-chave da mesa que podem orientar a construção do novo PDI da UFABC**

Aproximação entre graduação e pós-graduação; Comunicação, interdisciplinaridade e combate a desinformação; Conselho estratégico social; Novas tecnologias e novas modalidades de ensino; Universidade ir ao encontro das pessoas; Pesquisas voltadas aos problemas nacionais e locais; Repensar a internacionalização; Assistência estudantil na graduação e na pós-graduação.